

**METÁFORA  
COMO ESTRATÉGIA ESTILÍSTICO-ARGUMENTATIVA  
UMA INVASÃO NAS CARTAS DOS LEITORES**

Atyel Marcelo Teixeira da Fonseca (UERJ/Faculdade CCAA)  
[atyelfonseca@yahoo.com.br](mailto:atyelfonseca@yahoo.com.br)

Sempre me incomodaram os “dogmatismos linguísticos”, com os tantos *nuncas*. O maior pecado deles é ignorar o *contexto*: o quê, para quê, com quem, quando e onde se diz de uma forma e não de outra.

Isso porque a escolha de um modo de dizer, em vez de seguir regras inexoráveis e pré-estabelecidas, atrela-se a fatores como o assunto tratado, o motivo da interação, o interlocutor a quem se dirige, o lugar e o tempo em que se estabelece a comunicação.

Sabendo disso, como justificar os tabus que ouvi nas aulas de Redação do cursinho, preparando-me para o vestibular? Não use primeira pessoa do singular, nunca termine seu texto com uma pergunta, nada de *et cetera*, etc.

Ganha destaque o tabu de se evitar (ou seja: não usar) figura de linguagem em textos argumentativos, já que tal recurso seria peculiar a composições literárias – o que não procede.

Indo contra essa ideia, pretendo investigar a hipótese de que um tipo específico de figura de linguagem, a *metáfora*, é empregado com frequência em um gênero textual predominantemente argumentativo – a *carta dos leitores* – com vistas a deixá-lo mais expressivo e convincente.

Os textos que compõem o *corpus* foram publicados no jornal *O Globo* entre os dias vinte e três de novembro e três de dezembro de 2010, e falam dos ataques praticados por traficantes contra a população carioca e da tomada do Complexo do Alemão e da Vila Cruzeiro (Zona Norte do Rio de Janeiro) pelo poder público.

Para cumprir o objetivo delineado, preciso, antes de analisar as cartas, refletir sobre o conceito de metáfora, o gênero carta dos leitores, a concepção sociointeracional da linguagem, além de relacionar estilística, que estuda a expressividade da língua, e Argumentação.

## 1. A metáfora

Muitos são os pontos de vista lançados sobre a metáfora. Basta-me, contudo, concebê-la como *figura de linguagem* ou *metábole*, que, não se limitando a mero adorno, assume diferentes funções a depender do contexto.

As metáboles consistem em “alterações da linguagem” ou “conjunto de desvios”, que afastam o texto do uso comum (MARTINS, 2003; MONTEIRO, 2009). O emprego delas sempre mobiliza recursos linguísticos, que deixam “marcas” no texto.

Levando-se em conta o nível da língua em que incide essa marca, a metábole classifica-se em *metaplasmo* ou *figura de dicção* (nível da morfologia), *metataxe* ou *figura de construção* (nível da sintaxe), *metassemema* ou *figuras de palavra* (nível da semântica) e *metalogismo* ou *figura de pensamento* (nível da lógica). Os dois primeiros tipos estão no plano da forma, e os outros, no plano do conteúdo (MONTEIRO, 2009).

A metáfora é um caso de metassemema. Para defini-la mais detalhadamente, serão considerados quatro aspectos: o *estrutural*, o *semântico*, o *morfossintático* e o *funcional*.

### 1.1. Propriedades estruturais

A metáfora caracteriza-se pela ausência de partículas conectivas de comparação (*como, tal qual, tal como, feito*) e não ocorre em estruturas frásicas em que figure um desses verbos: *parecer, parecer-se, sugerir* ou outros equivalentes (GARCIA, 2004). Por isso, afirma-se que a metáfora é uma comparação (ou símile) implícita.

### 1.2. Propriedades semânticas

Metáfora é muito mais que estrutura, já que se trata essencialmente de um fenômeno semântico. Vejam-se os exemplos (MONTEIRO: 2009, p. 85):

- (1) A boiada vem como um navio (comparação ou símile).
- (2) A boiada é um navio (metáfora impura ou *in praesentia*).
- (3) Vem um navio (metáfora pura ou *in absentia*)

Em (1), encontra-se uma comparação explícita entre os termos “boiada” e “navio”, não havendo fusão entre eles. Um ainda não *é* o outro. Apenas assemelham-se. Em (2), sem o conectivo “como”, ocorre um *nivelamento semântico* entre os dois elementos. Agora a “boiada” *é* propriamente um “navio”, graças a uma relação subjetiva entre eles. Algo, neste caso não tão evidente, une-os: talvez a grandiosidade, a potência... Em (3), com a supressão do termo originalmente comparado (“boiada”), temos uma fusão completa entre os dois elementos. Usa-se um *no lugar* do outro. A compreensão da passagem exige mais do leitor, pois somente será definida no contexto (VALENTE, 1999).

A comparação consiste, portanto, em um ponto de partida para uma série de associações que produzem a metáfora impura em um primeiro estágio e a metáfora pura em um grau de fusão mais profundo (GARCIA, 2004; MONTEIRO, 2009; VALENTE, 1994 e 1999)

### 1.3. Propriedades morfossintáticas

Pode-se concluir, em princípio, que apenas os *substantivos* passam pelo processo metafórico, o que não é verdade. As metáforas também são feitas com: (a) *adjetivos*: “palavras *torrenciais, apocalípticas, proféticas*”, “voz *crystalina*”, “silêncio *sepulcral*”, “vida *tempestuosa*”; (b) *verbos*: “o dia *nasce*”, “a tarde *morria*”, “as artes *florescem*”, “o regato *murmura*”, “as ondas *beijam* a praia”, “os violões *choram*”; (c) *advérbios em -mente* (base adjetiva): “o hóspede atirou-se *caninamente* ao assado”, “o adversário reagiu *leoninamente*”; (d) *locuções adverbiais com núcleo substantivo*: “A neblina, roçando o chão, *cicia em prece*” (GARCIA, 2004).

Além desses elementos verbais, a metáfora, em um sentido mais amplo, pode englobar linguagens não verbais (a publicitária, a pictórica, a cinematográfica), manifestando-se em todos os processos simbólicos (FIORIN, 2008).

### 1.4. Propriedades funcionais

Mais importante que catalogar todas as metáforas de um texto, é perceber seu potencial significativo:

A comprovação pura e simples de que estamos em presença de uma metáfora nos diz muito pouco. Temos que verificar até onde nos quer levar o escri-

tor através dela, que funções ela exerce em cada caso e, além disso, devemos estudar a conexão, a atuação conjunta de diferentes metáforas (MONTEIRO: 2009, p. 83).

Por isso a pertinência da pergunta *para que serve a metáfora*? Algumas respostas possíveis: (a) denominar, criativamente, complexos de representações para os quais ainda não haja termos adequados (GARCIA, 2004); (b) facilitar a apropriação de conceitos abstratos, relacionando-os a elementos mais concretos (GARCIA, 2004; MARTINS, 2003); (c) apresentar uma nova maneira, mais viva e expressiva, de observar dados da realidade (MARTINS, 2003; MONTEIRO, 2009); (d) persuadir, atrair a atenção do leitor/ouvinte a partir de um estranhamento causado por algum emprego inusitado (MONTEIRO, 2009) etc.

São muitas as respostas, provando ser impraticável delimitar, *a priori*, todas as funções da metáfora, que terá seu potencial expressivo evidenciado somente quando inserida em um contexto.

O emprego de uma metáfora, de fato, relaciona-se à vontade do falante/escritor em concretizar seu *projeto de dizer*, em alcançar seu propósito comunicativo, seja ele estético, informativo, argumentativo. Inexistem, portanto, palavras metafóricas. Trata-se de *usos metafóricos*.

### 1.5. As frases feitas: um tipo específico de metáfora

A vivacidade das metáforas, experimentada no poema *Lua Cheia*, tende a se desgastar aos poucos com o uso, surgindo o *clichê* (ou *lugar-comum*), “muleta ridícula de preguiçosos”, “duma trivialidade insuportável”, nas palavras de Lapa (1998, p. 79).

São as chamadas metáforas *mortas*, *lingüísticas*, *triviais* ou *de uso*, que, ao contrário das *vivas*, *estéticas*, *estilísticas* ou *de invenção*, encontram-se ossificadas, banalizadas, não representando mais inovação semântica, nem chocando pelo ineditismo (GARCIA, 2004; MARTINS, 2003; MEDINA, 2007).

As conhecidas *frases feitas*, *grupos fraseológicos*, *idiotismos* (LAPA, 1998) ou ainda *conglomerados verbais* (MACEDO, 1991), muito frequentes nas cartas do *corpus*, encontram-se entre os casos de metáforas triviais: “abaixar a cabeça”, “fazer hora”, “bater a bota”, “correr mundo”. Os elementos que integram a frase feita só têm sentido quando interligados. Em “perder a cabeça” (ficar enfurecido), por exemplo, seria absurdo analisar separadamente “perder” e “cabeça”. “As partes compo-

nentes sacrificam seu significado individual em benefício do conjunto”, de modo a existir uma “unidade de pensamento” (LAPA, 1998, p. 66).

Mesmo que desgastadas, as metáforas triviais não deixam de ser metáboles, indicando sempre que o falante/escritor quer dar o mínimo de expressividade às suas palavras (MARTINS, 2003), sem que para isso seja preciso desconstruir a forma do clichê – o contrário do que afirma Monteiro (2009, p. 96): “Devemos refletir que a busca da originalidade pode revitalizar até mesmo frases feitas, ditos populares e adágios, *desde que se altere sua forma*” [grifo meu].

## 2. A carta dos leitores

O gênero *carta dos leitores* é considerado uma categoria do gênero maior *carta* (BEZERRA, 2005). Antes de analisá-lo, cumpre dizer que minhas considerações restringem-se às cartas publicadas na seção “Dos leitores”, do jornal *O Globo*. Se meu *corpus* fosse com outro jornal ou revista, ou mesmo com outra seção do próprio *O Globo*, as conclusões, certamente, seriam diferentes. As explicações estão divididas em três partes, de modo a contemplar conceitos relevantes no estudo da linguagem: *gênero, tipo textual e domínio discursivo*.

### 2.1. Gênero textual

Tem sua origem ligada a necessidades comunicativas inseridas em práticas sociais (MARCUSCHI, 2005): as *notícias* servem para informar sobre fatos atuais, os *manuals de instrução* facilitam o manuseio de aparelhos eletrônicos... Qualquer relação por meio da linguagem verbal, nas modalidades oral e escrita, pressupõe o uso dos gêneros.

Caracterizam-se os gêneros muito mais pela sua função social e comunicativa do que pela sua forma linguística ou estrutural. Por isso, um *texto publicitário* pode assumir a forma de uma *capa de revista* e continuar sendo um texto publicitário (recordemo-nos da propaganda com a capa de uma fictícia *Revista Cascas*, paródia de *Caras*, de uma rede de hortifrúti carioca).

Quanto às cartas dos leitores – produzidas “em situação de ausência de contato imediato entre remetente e destinatário, que não se conhecem” (BEZERRA, 2005, p. 210) – nota-se que possuem diferentes propósitos: *opinar, agradecer, reclamar, solicitar, elogiar, criticar*, entre

outros. Na seção “Dos Leitores”, do jornal *O Globo*, a maioria tem como intenção comunicativa comentar reportagens e temas ou acontecimentos polêmicos, como todas as do *corpus*, que discutem a ocupação das favé-las cariocas.

A *forma* da carta dos leitores não apresenta semelhança com a “si-lhueta” de uma carta tradicional: seção de contato, núcleo e seção de despedida.

## 2.2. Tipo textual

Ao contrário dos gêneros, os tipos são em número finito: *narra-ção, argumentação, descrição, injunção e exposição* (MARCUSCHI, 2005). Não consistem em textos concretos e empíricos, mas sim em se-quências linguísticas ou sequências de enunciados materializadas nos gê-neros. Por isso é muito comum, em um mesmo texto, haver dois ou mais tipos. A sua classificação leva em conta aspectos léxico-gramaticais e di-ferentes tipos de relações.

Ainda que não possua dados estatísticos, posso, empiricamente, com base na minha experiência como leitor, afirmar que o tipo textual mais presente nas cartas da seção “Dos Leitores” é o *argumentativo*, até mesmo porque os objetivos centrais desse gênero são sustentar um ponto de vista, elogiando ou criticando reportagens, comentando fatos atuais, etc.

## 2.3. Domínio discursivo

Os domínios discursivos “são as grandes esferas de atividade hu-mana em que os textos circulam” (MARCUSCHI, 2005, p. 25). Nos do-mínios *religioso, jurídico, jornalístico*, por exemplo, movimenta-se um conjunto de gêneros textuais, que permitem as diversas interações comu-nicativas exigidas por essas práticas sociais. As cartas dos leitores, longe de pertencerem à esfera da vida privada, integram o domínio jornalístico, mantendo intertextualidade com outros gêneros, como o editorial, a re-portagem e a notícia.

### 3. A escrita como “jogo estratégico”

A especulação de que se empregam as metáforas nas cartas dos leitores com o objetivo de deixá-las mais persuasivas pressupõe uma estratégia comunicativa do autor (a escolha da metáfora), uma pista linguística marcada no texto (a própria metáfora) e uma *performance* ativa do leitor, atento ao emprego da metábole (KOCH, 1998).

Em jogo aparecem: (a) o *produtor*: detentor de um *projeto de dizer*, para cuja execução faz uma série de escolhas linguísticas (as estratégias); (b) o *texto*: conjunto de pistas, marcas, sinalizações;

(c) e o *leitor*: participante ativo no processo de construção do sentido, a partir da leitura atenta das pistas e da ativação de uma série de saberes acumulados (lingüísticos, enciclopédicos, situacionais etc.).

Importante observar que as *estratégias* do produtor são as *pistas* para o leitor. Trata-se apenas de uma mudança de perspectiva: enquanto aquelas são concebidas no momento da produção do texto, estas se impõem no ato da leitura. Lerá bem, então, quem perceber os efeitos de sentido das pistas. E escreverá bem, então, quem usar adequadamente as estratégias, de modo a alcançar com êxito o *projeto de dizer*.

As pistas podem ser linguísticas (seleção lexical, uso das figuras de linguagem, colocação dos termos na frase, capitulação, emprego dos sinais de pontuação) e mesmo não linguísticas (ilustração, disposição das palavras no suporte, cor, tipo e tamanho de fonte, uso de *itálico*, **negrito** e sublinhado).

### 4. Expressividade e argumentação

Ao defender que o emprego da metáfora nas cartas dos leitores, associado ao projeto de dizer do autor, na visão sociointeracional da linguagem, contribui para deixar o texto mais *expressivo* e *convicente*, liga-se diretamente estilística, subárea da linguística focada no estudo da expressividade, a argumentação. Mas é preciso explicitar melhor esse elo.

Um excelente ponto de partida são as reflexões de Mattoso Câmara Jr. (1985), que, com a intenção de identificar o lugar teórico e os objetivos da estilística, considera a dicotomia do suíço Ferdinand Saussure *langue* (língua) x *parole* (fala) e as três funções da linguagem propostas

pelo alemão Karl Bühler – a *representativa*, a de *manifestação anímica* e a de *apelo*.

O conceito de *langue*, na perspectiva saussuriana, depreende-se da noção de um esquema de valores simbólicos, no nível da abstração, sobre o qual se desenrolam as tantas atividades linguísticas. Assim, *langue* pelo seu papel social, possui um caráter coletivo e sistemático.

A *parole*, por sua vez, é o uso individualizado do sistema linguístico. Em outras palavras, é a concretização ametódica do sistema abstrato de regras nos vários atos comunicativos.

Cria-se uma dicotomia: enquanto *langue* é um sistema organizado, possível de ser descrito criteriosamente, *parole* é um conglomerado de fatos assistemáticos.

Saussure, com vista a inculcar um caráter científico nos estudos da linguagem, o que pressupunha métodos pontuais e generalizáveis, excluiu das suas pesquisas a fala, pelo seu caráter multifacetado e assistemático, trazendo ao centro a *langue*, analisada plenamente.

Câmara Jr. (1985, p. 10) avança em sua explicação, afirmando que “a língua, no seu conceito saussuriano, se deduz apenas de uma função representativa, pois compreende a estrutura, o esquema, o padrão, a pauta que rege, em termos linguísticos, a nossa representação do mundo exterior e interior”.

Tal função representativa é de cunho intelectual, uma vez que trabalha com o intuito de trazer à consciência, de tornar racionáveis os sistemas de sons (o fônico), de formas (o mórfico), de significações (o semântico) e de ordenação de elementos na sentença (o sintático) – justamente o objetivo dos estudos gramaticais.

Há, porém, na concepção do linguista brasileiro, outras duas funções não menos importantes: a de exteriorizar estados psíquicos (*manifestação anímica*) e a de interferir no comportamento do interlocutor (*atuação social* ou *apelo*).

A língua, de fato, além de fornecer instrumentos para estabelecer e dar a conhecer, na comunicação social, as representações de um mundo objetivo, exterioriza tanto os “estados d’alma” com os quais tais representações objetivas são formuladas, quanto à vontade do emissor de fazer o outro compartilhá-las, acatá-las.



Se a língua possui mais funções que a representativa, enfocada por Saussure, estudá-la apenas sob essa perspectiva seria uma “mutilação do fenômeno linguístico” (idem). Por tal razão, torna-se necessário analisar também os fatos da língua seguindo uma abordagem estilística.

Logo, o objetivo maior da estilística é elencar os processos expressivos da língua – nos níveis fônico, mórfico, sintático e semântico – que permitem ao usuário externar estados “d’alma” e sua vontade de alterar o comportamento do outro, fazendo-o crer no que é dito ou agir de determinado modo.

E qual a função dos recursos argumentativos, senão a de justamente “alterar a vontade do outro”, cujos pontos de vista e ações são questionados ou reafirmados?

Por isso, um texto mais expressivo, em que predominem as funções de manifestação anímica e de apelo, é também mais argumentativo (*lato sensu*). “Cremos, pois, que a característica fundamental da expressividade reside na força de persuadir ou transmitir os conteúdos desejados, na capacidade apelativa, no poder de gerar elementos evocatórios ou conotações” (MONTEIRO, 2009, p. 50).

Determinadas estratégias (para o autor) ou pistas (para o leitor) – emprego da metáfora e de qualquer metábole, seleção lexical, capitulação, ilustração, disposição das palavras na frase e no suporte, cor, tipo, tamanho da fonte, etc. – que atribuem maior vivacidade ao texto podem ser, então, espécies de argumento, que, em um sentido mais amplo, com base em sua raiz *argu-* (“cintilar”), a mesma de *argênteo* (“prateado”), consiste em meios para fazer “brilhar” uma ideia (CITELLI, 1994 e 2004; FIORIN, 2008; FIORIN e SAVIOLI, 2000).

##### 5. *Estudo das cartas dos leitores*

Todas as cartas, publicadas no jornal *O Globo* no período de vinte e três de novembro a três de dezembro de 2010, comentam os ataques à população carioca praticados por traficantes. O problema teve início no dia vinte e um de novembro e durou mais de uma semana, período em que carros e ônibus foram incendiados (às vezes, dez em um só dia), pessoas mortas (quarenta e seis em sete dias), e favelas ocupas (a Vila Cruzeiro e o Complexo do Alemão, na Zona Norte) por mais de dois mil policiais civis, militares e homens das Forças Armadas. Escolas e universi-

dades interromperam as aulas e trabalhadores foram dispensados em toda a cidade. A população ficou acuada.

As metáforas, estrategicamente empregadas para garantir expressividade aos textos, foram divididas em categorias, segundo características temáticas.

### 5.1. Rio de Janeiro como ambiente de guerra

Com vistas a enfatizar o caos vivido na cidade, muitos autores classificaram a situação como uma verdadeira guerra, comparando, por meio da metáfora, o Rio a outros lugares conhecidos mundialmente como terras de conflitos constantes.

No exemplo (1), cita-se Gaza, desde muito tempo envolvida na disputa entre palestinos e israelenses:

(1) As UPPs deram certo nas favelas, melhoraram a vida das comunidades, mas os bandidos desceram e mostraram a sua força no asfalto, onde os moradores vivem acuados. Carros incendiados todos os dias, moradores saqueados, mortos, feridos. *Uma guerra* que nada fica a dever à de *Gaza* (...). *Maria Marta Nascimento Cardoso*. (*O Globo*, 24 de novembro, 2010, p. 8).

### 5.2. Desumanização dos traficantes

Um fato marcante, registrado por cinegrafistas da Rede Globo, foi a fuga de centenas de marginais da Vila Cruzeiro, durante a ocupação pela polícia. Houve um amplo debate na sociedade sobre a possibilidade de eles serem mortos de uma vez só, já que estavam desprotegidos. Quem era contra a medida recorreu aos Direitos Humanos ou aos princípios religiosos, alegando que ninguém pode tirar a vida do outro. As pistas metafóricas a seguir reforçam, no entanto, o ponto de vista contrário, classificando os traficantes como qualquer coisa, menos seres humanos:

(2) (...) As autoridades foram sacudidas e acordaram após a tragédia anunciada de atos de terrorismo de *monstros* (...). *Gilberto Teixeira Santos* (*O Globo*, 27 de novembro, 2010, p. 8).

(3) Fiquei de alma lavada vendo os *ratos covardes* fugindo da polícia. Toda a valentia que eles usam para ameaçar cidadãos de bem caiu por terra, literalmente. Parabéns às polícias e à Marinha. Fiquei orgulhoso. *Hugo Fonseca*. (*O Globo*, 27 de novembro, 2010, p. 8).

Além das frases feitas “fiquei de alma lavada” e “caiu por terra”, que serão comentadas separadamente, ganha destaque, no exemplo (3), a

metáfora pura “ratos covardes”, evidenciando a *fraqueza* e a *sordidez* dos delinquentes.

### 5.3. Referência à força do tráfico de drogas

Humberto Rodrigues vale-se de um título da hierarquia nobiliárquica (“barão”) para se reportar aos chefes poderosos do tráfico, bem diferentes do tipo mais reles que foge da polícia:

(4) Como todos os cariocas, apoio e defendo a união de todas as forças na retomada das comunidades dominadas pelo tráfico. Um belo trabalho de inteligência. Agora, prenderam alguns traficantes, e estão atrás de outros mais conhecidos. E *os grandes barões da droga?* (...). Humberto Rodrigues. (*O Globo*, 01 de dezembro, 2010, p. 8).

### 5.4. Referência à fisiologia humana

Bastante frequentes no *corpus* são as metáforas que têm como um dos termos comparados algum elemento ligado ao corpo humano, na maioria das vezes assumindo conotação negativa, como “metástase” e “ferida”:

(5) (...) O terror leva a consequências trágicas, a doenças cardíacas, psicológicas, e nos tornamos paranoicos, doentes em potencial. O Rio está com a *metástase do medo* (...). Maria Marta Nascimento Cardoso. (*O Globo*, 24 de novembro, 2010, p. 8)

Metástase, associada ao câncer, a doença mais temida, consiste em um “aparecimento de um foco secundário, a distância, no curso da evolução dum tumor maligno ou dum processo inflamatório” (FERREIRA, 2009, p. 1326). O uso desse vocábulo na carta (5) reforça a tese de que o mau da violência (“tumor maligno”) está se espalhando pelo Rio de Janeiro. O final, como na grave enfermidade, quase sempre é a morte, ou seja, o aniquilamento da cidade.

### 5.5. Violência no Rio de Janeiro como espetáculo

O tom *irônico* domina a carta (6), em que há, diferentemente das outras, uma conexão, uma atuação conjunta de três metáforas, perpassando todo o texto, o que sobreleva sua expressividade:

(6) Finalmente, o Sr. governador resolveu dar o braço a torcer e declarar publicamente que *o show de violência* no Rio com direito a arrastões e queima

de carros (dentre outras “*atrações*”) é decorrente das UPPs. Ótimo! Agora que tomou consciência do fato, que tal medidas mais drásticas para acabar com o *espetáculo*? UPPs no asfalto, Forças Armadas e caveirões? Ou será que as autoridades só estão esperando que os próprios cidadãos honestos e *pagantes* saiam às ruas armados de paus e pedras (como se isto só bastasse) a fim de pôr termo a esta guerra civil? Ana Cláudia Marques de Castro. (*O Globo*, 24 de novembro, 2010, p. 8).

A violência no Rio, segundo o ponto de vista da autora, assume a dimensão de um *espetáculo*, de um *show* (primeira metáfora), cujas *atrações* são os arrastões e a queima de carros (segunda metáfora), e cuja *plateia* compõe-se de pessoas honestas que pagam o ingresso na forma de impostos (terceira metáfora).

## 5.6. Emprego de frases feitas

Nas cartas abaixo, nota-se que a missão de criticar a segurança pública do Rio de Janeiro ganha um reforço justamente de lugares-comuns em sua versão original, sem que o texto perca informatividade:

(7) É inegável que as UPPs vêm constituindo uma eficaz medida no combate à violência urbana. Porém, com sua adoção em diversas comunidades, ficou muito claramente evidenciado que a segurança pública, em nosso estado, é um *cobertor curto* (...). Paulo Frederico Soriano Dobbin. (*O Globo*, 23 de novembro, 2010, p. 8).

(8) A barbárie que vem ocorrendo nos últimos dias no Rio nos dá a certeza de que *estamos enxugando gelo* em relação à política de segurança pública (...). Flávio Martins Antelo. (*O Globo*, 24 de novembro, 2010, p. 8).

Muitos são os clichês (não maléficis) que figuram no *corpus*: “ficar de alma lavada”, “cair por terra”, “a gota d’água”, “dar o braço a torcer”, “mover mundos e fundos”, “ir por água abaixo”, “brincar de gato e rato”, “arregaçar as mangas”.

## 6. Considerações finais

Não restam dúvidas, portanto, de que as metáforas, em todas as suas manifestações, incluindo as frases feitas, podem ser um excelente recurso estilístico-argumentativo para se atribuir ao texto maior expressividade e persuasão, muito mais que simples adorno ou recurso específico de textos literários. Por isso, insistir em práticas pedagógicas em que se proíbem, de antemão, determinados usos linguísticos, ignorando-se o contexto, apenas contribui para a artificialização da escrita e para o fra-

casso escolar em formar leitores e escritores competentes e não submissos a imposições inoperantes.

Se escrever for mesmo trabalhar conscientemente com estratégias, lançar mão de dogmatismos é roubar no jogo. E quem sairá prejudicado?

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BEZERRA, Maria Auxiliadora. Por que cartas do leitor na sala de aula. In BEZERRA, Maria Auxiliadora e DIONÍSIO, Angela Paiva (Orgs.). *Gêneros textuais & ensino*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005.

CAMARA JR. *Contribuição à estilística portuguesa*. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1985.

\_\_\_\_\_. Considerações sobre o estilo. In: \_\_\_\_\_. *Dispersos* (organizado por Carlos Eduardo Falcão Uchoa. Rio de Janeiro: FGV, 1972.

CITELLI, Adilson. *O texto argumentativo*. São Paulo: Scipione, 1994.

\_\_\_\_\_. *Linguagem e persuasão*. 16. ed. São Paulo: Ática, 2004.

FIORIN, José Luiz e SAVIOLI, Francisco Platão. *Lições de texto: leitura e redação*. São Paulo: Ática, 2000.

\_\_\_\_\_. *Para entender o texto: leitura e redação*. São Paulo: Ática, 2002.

FIORIN, José Luiz. Metáfora e metonímia: dois processos de construção do discurso. In: \_\_\_\_\_. *Em busca dos sentidos: estudos discursivos*. São Paulo: Contexto, 2008.

GARCIA, Othon Moacyr. *Comunicação em prosa moderna*. Rio de Janeiro: FGV, 2004.

KOCH, Ingedore Villaça; ELIAS, Vanda Maria. *Ler e escrever: estratégias de produção textual*. São Paulo: Contexto, 2010.

KOCH, Ingedore Villaça. A produção textual do sentido. In: VALENTE, André (Org.). *Língua, linguística e literatura: uma integração para o ensino*. Rio de Janeiro: EdUERj, 1998.

\_\_\_\_\_. *Argumentação e linguagem*. 6. ed. São Paulo: Cortez, 2000.

LAPA, Manuel Rodrigues. *Estilística da língua portuguesa*. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

MACEDO, Walmírio. *Gramática da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Presença, 1991.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. In: BEZERRA, Maria Auxiliadora; DIONÍSIO, Angela Paiva (Orgs.). *Gêneros textuais & ensino*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005.

MARTINS, Nilce Sant'Anna. *Introdução à estilística*. São Paulo: T. A. Queiroz, 2003.

MEDINA, José. Criatividade linguística e relativismo. In: \_\_\_\_\_. *Linguagens: conceitos-chave em filosofia*. Porto Alegre: Artmed, 2007.

MONTEIRO, José Lemos. *A estilística: manual de análise e criação do estilo literário*. Petrópolis: Vozes, 2009.

VALENTE, André. *A linguagem nossa de cada dia*. Rio de Janeiro: Leviatã, 1994.

\_\_\_\_\_. Metáfora, campo semântico e dialética na produção e na leitura de textos. In: VALENTE, André (Org.). *Aulas de português: perspectivas inovadoras*. Petrópolis: 1999.